

042

SELEÇÃO DE DESINFESTANTES QUÍMICOS PARA CONTROLE DE CONTAMINANTES FÚNGICOS EM BANDEJAS DE ISOPOR UTILIZADAS NA PRODUÇÃO DE MUDAS DE FUMO. *Celson A. Weiler, Miguel D. M. Porto, Aida T. S. Matsumura* (Departamento de Fitossanidade, Faculdade de Agronomia, UFRGS).

O fumo (*Nicotiana tabacum*) é uma cultura de elevada importância econômica para algumas regiões do Rio Grande do Sul e de alguns outros estados brasileiros. O estabelecimento de uma lavoura de fumo é feito pelo transplante de mudas e, nestas, o padrão de qualidade é extremamente importante. Isto significa que, na produção das mesmas, há necessidade que sejam tomadas todas as medidas necessárias para evitar danos por moléstias e/ou por insetos. O sistema atual de produção de mudas, em bandejas de isopor, facilitou esta vigilância sanitária, como também aumentou as possibilidades de uso do controle biológico. Há, entretanto uma prática rotineira entre produtores que pode aumentar o potencial de problemas fitossanitários. Esta prática, ou seja, o uso de bandejas já utilizadas em cultivos anteriores, pode resultar num aumento de mudas doentes em função da existência, nessas bandejas, de contaminantes fitopatogênicos. Recomenda-se a utilização de bandejas novas. Entretanto, se a opção for por bandejas velhas, estas devem ser desinfestadas. O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de verificar a eficiência de alguns desinfestantes. Foram testados Amônia Quaternária, Hipoclorito de sódio e Óxido Cuproso, em diferentes dosagens. Amostras de bandejas velhas foram desinfestadas, com o tratamento em estudo, e colocadas em placas de Petri com meio de cultura BDA. Após cinco dias de incubação, as placas foram examinadas e determinado o número de colônias de fungos presentes. Os dados foram submetidos à análise estatística e foram calculados os índices de controle. Os tratamentos com Amônia Quaternária foram os mais eficientes, com índices de controle superior a 80% independente da dosagem. No tratamento com Hipoclorito de sódio, apenas as placas com a dosagem mais elevada apresentaram um controle eficiente. Os tratamentos com Óxido Cuproso foram ineficientes, não chegando sequer a 65% de controle. (Subvenção RHAE – CNPq).